



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8554 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

### A VISIBILIDADE QUE NÃO SERVE AOS INVISÍVEIS

Cláudia Borges Costa - CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Leila Maria de Jesus Oliveira - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

#### Introdução

O Brasil do século XXI convive sob a égide de muitas desigualdades. No campo da educação, chegada e continuidade para muitos segue sendo um desafio caracterizado pela ideologia dominante como constituição individualizada, mas a reflexão crítica reafirma como uma construção social. O Brasil apresenta 11,3 milhões de brasileiros com 15 anos e mais não alfabetizados, 70,3 milhões da população acima de 25 anos não concluíram a Educação Básica (Gazeta do Povo, 2019).

Essa realidade reafirma a desigualdade educacional e aponta a contradição, pois a Emenda Constitucional nº 59/2009 ampliou a obrigatoriedade da Educação Básica para 4 a 17 anos e, também, para aqueles que não tiveram acesso na idade dita apropriada. A aprovação das Diretrizes Operacionais para Educação de Jovens e Adultos/EJA pela Resolução CNE/CEB nº 3/2010, bem como as discussões sobre a EJA registradas na Conae/2010 e Conae/2014 e as Metas do PNE 2014-2024 voltadas para os jovens e adultos trabalhadores, demonstram a trajetória de defesa desse público, mas está na contramão dos dados sociais apresentados, os quais sinalizam o quanto será necessário de políticas públicas para reverter o quadro desigual.

O Brasil apresentava em 2019, 3.273.668 estudantes matriculados na EJA, unindo ensino fundamental e médio. Com esses dados é possível analisar a discrepância do quantitativo de pessoas sem concluir a educação básica (que deveriam estar na escola), com aquelas que estão matriculadas. O número expressivo de trabalhadores/as que compõem o contingente que não terminaram a educação básica, ou que ainda não foram alfabetizados, segue como uma multidão invisibilizada.

Dados do Inep por meio do Relatório do 3º Ciclo de Monitoramento do Plano Nacional de Educação – 2020 expõem o decréscimo na escolarização de jovens e adultos. Na Meta 9 – Alfabetização da população de 15 anos ou mais de idade, a meta de 2015 somente foi alcançada em 2019, atingindo 93,5% estando ainda muito distante dos desejados 100%

alfabetizados até 2024. Situação ainda mais alarmante é encontrada na Meta 10 - Oferecer pelo menos 25% das matrículas da EJA na forma integrada à educação profissional até 2024, o decréscimo que vinha ocorrendo desde 2016 foi interrompido em 2019 com um crescimento pequeno de 0,3 p.p., que além de não compensar o decréscimo dos últimos anos esta muito distante da Meta para até 2024.

Esses escritos pretendem chamar atenção para a história desses invisibilizados. Propõe-se refletir a partir de uma pesquisa documental, utilizando dados das mídias e o diálogo necessário com subsídios teóricos na expectativa de contribuir para pensar a modalidade EJA. O artigo apresenta a história de Manoel Gomes, estudante da EJA, que ganhou visibilidade individual a partir de uma publicação em rede social. Na sequência propomos o diálogo com a categoria oprimido, cunhado por Paulo Freire e a concepção da educação, capaz de construir pontes para desalienação e afirmação do sujeito histórico.

### *O invisível da Caneta Azul*

Se fizéssemos a proposta de levantar mão quem já teve uma caneta azul marcada com o seu nome certamente teríamos inúmeras mãos levantadas. Pois foi uma caneta azul que mudou a vida do Manoel Gomes, que agora não é mais vigilante nem porteiro.

O maranhense da cidade de Balsas - MA, município que fica a 816 km da capital, é o mais velho de cinco irmãos. Manoel Gomes, 49 anos, alcançou a fama instantânea iniciada por um simples e desprezioso vídeo amador que caiu na internet onde ele cantava a história da sua caneta azul. O *hit* Caneta Azul viraliza em vários meios de comunicação e redes sociais. Em reportagem publicada no site da Revista Veja, Manoel Gomes atraiu para sua *Live*, com cenário simples e improvisado, público simultâneo de mais de um milhão e quinhentas mil pessoas e, ainda segundo a matéria, esse público foi superior, até então, a apresentações de grandes intérpretes da música brasileira. Na reportagem a fala de Manoel Gomes retrata o que ele, mesmo em meio à fama, ainda enfrenta para se colocar, "ninguém acreditou em mim, vários patrocinadores viraram as costas". (JUNIOR, 2020)

A *Live*, com duração de cerca de 4 horas, registrada no canal do Youtube, alcançou, até a data de 05 de outubro de 2020, mais de 3,200 milhões de visualizações, contando com mais de 9,700 comentários. Sem prender em análises das letras das músicas criadas por Manoel Gomes, que relata experiências vivenciadas por ele, o repertório é diverso e os comentários também. Neste mesmo vídeo, Manoel assim se apresenta,

Faz tempo tô lutando, cantando, lutando. Eu sou trabalhador desde 8 anos, eu comecei sofrer como eu contei para vocês. Eu sofri demais na roça trabalhando na enxada, quebrando coco ... cortando de machado. Eu não tô mentindo, Manoel Gomes só falo a verdade. Manoel Gomes deixou de sofrer, passou muita fome, deixa de passar fome com 18 anos que eu aguentei trabalhar por minha conta. (JOAB MANOEL CANETA AZUL, 2020, às 3h58min)

Manoel Gomes é público da EJA. Parece a junção de um sujeito simples e uma aparente simples história. Mas não é! Uma caneta azul perdida vira música cuja letra traz a narrativa da vida do próprio autor-compositor-intérprete, é uma história real. Ele era só mais um número, invisibilizado, dentre as pessoas na faixa etária de 15 anos e mais que não concluíram a educação básica no Brasil.

Segundo destaca o site Na Mira, Manoel Gomes relata que "Eu ia para o colégio e perdi a caneta azul. Lá no colégio eu perdi uma, perdi outra, aí ninguém me deu a caneta que tava meu registro nela. Eu não achei e, no outro dia, fiz a música".

Qual é a importância de uma caneta azul pra virar uma música? Alguns anos atrás (talvez ainda o seja) era status na escola, sinal de respeito, quando a professora liberava o estudante para usar uma caneta azul para escrever. Sinal de que já se estava escrevendo bem, sem precisar apagar, já sabia ler e escrever e se “libertou” do lápis. Para quem está na escola, a caneta azul parece ter um significado diferente.

A inquietação a partir do tal *Hit* poderia ser o apelo do sujeito público da EJA: devolva minha caneta azul! Devolvam meu direito de estudar roubado na minha infância, na minha adolescência, na juventude, na vida adulta, na velhice. Vejamos o que nos diz a letra completa da música Caneta Azul,

Caneta azul, azul caneta/ Caneta azul tá marcada com minhas letra/ Caneta azul, azul caneta/ Caneta azul tá marcada com minhas letra/ Todo dia eu viajo pra o colégio/ Com uma caneta azul e uma caneta amarela/ Eu perdi minha caneta e eu peço, por favor/ Quem encontrou, me entrega ela/ Caneta azul, azul caneta/ Caneta azul tá marcada com minhas letra/ A professora, ela veio brigar comigo/ Porque eu perdi a última caneta que eu tinha/ Não brigue, professora, porque eu vou comprar outra canetinha/ Caneta azul, azul caneta/ Caneta azul tá marcada com minhas letra/ Caneta azul, azul caneta/ Caneta azul tá marcada com minhas letra (GOMES, 2020)

Envolvido pela caneta azul Manoel Gomes dá pistas do cotidiano de quem frequenta a escola todos os dias. Manoel Gomes anuncia “Todo dia eu viajo para o colégio”. São inúmeros os trabalhadores que fazem um longo percurso no trajeto trabalho-escola-casa ou casa-escola-casa.

Pensar nos sujeitos educandos da EJA é reconhecer a diversidade, bem como os distintos tipos de exclusão premente dos vários direitos furtados ao longo da história de suas vidas. Refletir na história de Manoel Gomes é trazer a desigualdade, construção econômica e social historicamente estabelecida nesse país. Sobre o desenvolvimento desigual, a crítica é feita pelas relações que se constituem com o poder hegemônico, pelo acordo de dominação entre a burguesia industrial e o setor agrário. Nesse sentido, Florestan Fernandes (1975), postula que o conceito de dependência é estabelecido na referência do desenvolvimento desigual da economia capitalista internacional pautada na relação centro e periferia.

Tomar a especificidade capitalista brasileira e da condição do desenvolvimento sem distribuição de renda e reafirmação da desigualdade social é reconhecer que a história invisível de Manoel Gomes se junta aos milhares trabalhadores/as e revela a construção social que impediu a esses, o acesso à educação.

Paulo Freire postulava que todas as pessoas, sobretudo os mais pobres, por meio da educação, poderiam conquistar a consciência crítica e política, e isso era o primeiro passo dos oprimidos em direção à emancipação. Segundo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (2000, p. 67), já que a “Educação não transforma o mundo. A educação transforma os homens. Pessoas transformam o mundo” (1979, p. 84), e é esta educação crítica dos homens oprimidos, que lhes permite ter conhecimento, consciência crítica e política para transformar individual e coletivamente a realidade social.

Para Paulo Freire (1987) o oprimido são homens e mulheres submissos a uma condição de violência, exploração e injustiça social, de relações antagônicas de classe. O

diálogo Freire sobre oprimidos e opressores revela que a vocação ontológica do ser humano é constituir-se enquanto “existência em e com o mundo” (FREIRE, 1977, p. 65). E para Freire predominar sobre a existência é ter “domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade.” (p. 66).

### *Considerações*

É nessa condição de liberdade que a educação precisa constituir-se como práxis na vida do Manoel Gomes e de tantos outros/as trabalhadores/as, para que a visibilidade seja de sujeito histórico, capaz de interferir na sociedade, conquistar sua autonomia de pensamento e atuação para que esse agir possa estar comprometido com seus pares e com a transformação social. A visibilidade de Manoel nas redes sociais, não o constitui enquanto condição ontológica, ao contrário, termina por esconder a realidade dos 70,3 milhões da população acima de 25 anos que seguem compondo o índice dos não concluintes da Educação Básica, sem reflexão ou debate, apenas a repetição do *hit* e a reafirmação do descaso histórico com os mais pobres desse país.

**Palavras chaves:** Educação de Jovens e Adultos, Sujeitos, Invisibilidade.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2020 [recurso eletrônico]. – Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/36GZBfl>. Acesso em: 05, out. 2020.

CONHEÇA a história por trás de “Caneta Azul”, *hit* do momento. **Na Mira** [2019]. Disponível em: <https://bit.ly/3iG62ly>. Acesso em: 01, out. 2020.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para liberdade e outros escritos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Manoel. Caneta Azul. **Letras**, [201-?]. Disponível em: <https://bit.ly/3nmsyUp>. Acesso em: 08, jan. 2020.

JOAB MANOEL CANETA AZUL. **Home**. [2020]. Disponível em: <https://bit.ly/34wrrsl>. Acesso em: 05, out. 2020. YouTube Canal.

JUNIOR, João Batista. Live de 3.500 reais rende público simultâneo de 1,5 milhão de pessoas. **Veja**, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/36HDTIM>. Acesso em: 01, out. 2020.

MATRÍCULAS na Educação de Jovens e Adultos caem: 3,3 milhões de estudantes na EJA em 2019. **Inep**, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/36H0hlj>. Acesso em: 16, nov. 2020.

NO BRASIL mais da metade da população adulta não tem ensino médio. **Gazeta do Povo**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/34yMCdx>. Acesso em: 16, set. 2020.